

Aparte

aparte@gazetadigital.com.br

Aliados 1

O prefeito Sebastião Gonçalves (PSD) dará posse hoje à nova secretária de Promoção Social, Sueli de Fátima Dias, no lugar da vereadora Isabela Guimarães que deixou o cargo em dezembro. Sueli é ligada a Chico Dalto, presidente do PSD no Estado. Tião avalia outras alterações no staff e, pelo visto, leva em consideração as indicações da legenda para as mudanças.

Aliados 2

Em se tratando de indicações, o PSD deve levar em consideração nomes de líderes como o ex-deputado **Carlos Brito**, que aderiu à sigla após deixar diretoria da extinta Agecopa. Brito possui ampla experiência também nos setores de segurança e infraestrutura. É ex-secretário de Estado de Segurança Pública. Em tempo, Brito é um nome forte para enfrentar os sérios problemas de Várzea Grande.



Chico Ferreira

Proposta



Marcus Vaillant

A deputada Luciane Bezerra (PSB) tem a receita para atender a demanda da Defensoria Pública de Mato Grosso. Para ela, basta que o governo do Estado abra mão de menos de 10% dos R\$ 2,4 bilhões previstos no orçamento de 2012 a título de reserva de contingência especial, ou seja, dinheiro que o governo gasta como quer, onde quer e sem dar explicações para ninguém. O assunto causa frisson no Palácio Paiguás.

Colaboração

De licença da Câmara Federal para um acordo político, **Valtenir Pereira** reassumiu suas funções na Defensoria Pública numa segunda e na sexta-feira entrou com pedido de férias, agora vai participar hoje de uma reunião com o governador e o defensor público-geral para discutir uma solução para a crise do órgão, que poderia começar a ser resolvida com o deputado abrindo mão do salário que recebe da instituição, mesmo estando licenciado.



Marcus Vaillant

Como fica?

Mesmo não sendo presidente do PDT em Mato Grosso, as decisões e conversações em busca de uma candidatura passam pelo senador Pedro Taques. Até aí nada demais, o problema é que essa atuação tem demonstrado uma atitude até de desrespeito com seu companheiro da eleição passada, Mauro Mendes, que declaradamente é pré-candidato a prefeito de Cuiabá. O PDT tem quase que ignorado Mauro.

Sumiço

O presidente da Câmara de Cuiabá, vereador Júlio Pinheiro (PTB), sumiu nesse início de ano. Nem os parlamentares e assessores mais próximos do parlamentar conseguiram contato com ele. Aliás, essa fama de incomunicável já pegou no petebista. Mas o maior problema está quando ele resolve aparecer. Geralmente ele vem com rolo compressor.



Dejarnil

Frases

O que ficou acertado será integralmente cumprido

DO SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO, CESAR ZILIO SOBRE REPOSIÇÃO DA INFLAÇÃO AOS SERVIDORES

O Estado vai construir o Rodoanel

DO GOVERNADOR SILVAL BARBOSA CONFIRMANDO QUE O ESTADO ASSUMIU A IMPORTANTE OBRA RODOVIÁRIO EM CUIABÁ

Big Brother e anunciante



MARCOS HILLER

O Big Brother Brasil 12 (BBB12) mal começou e já entrou para a história. Por causa dos brothers terem batido o recorde de 30 horas na primeira prova de resistência? Não, mas pelo fato de, com menos de uma semana de programa, um participante ter sido expulso da casa em virtude de um suposto estupro. Não quero entrar no mérito do ato em si, mas analisar o ocorrido sob a ótica de um anunciante que investe milhões em um programa de televisão e, de repente, se depara com um fato deste tipo, que gera publicidade, no mínimo, negativa.

Uma marca, quando decide se associar a uma celebridade ou toma a decisão de patrocinar um programa de televisão, tem que ter em mente quais os riscos que envolvem uma parceria como essa e, mais que isso, ter um plano de resposta pronto para possíveis situações incontornáveis. Investir em um programa como o BBB pode representar um imenso retorno de exposição da marca, mas o risco também é elevadíssimo.

Os integrantes são pessoas "enjauladas" em uma casa, que são observadas em tempo real por milhões de pessoas e, nessas condições, as reações dos participantes são absolutamente imprevisíveis.

Nem os anunciantes mais pessimistas poderiam conceber esse fato emblemático do BBB12. Na verdade, não poderiam imaginar, mas sim poderiam prever que um programa de reality show como este possui um fator incontornável: o ser humano. E o que anunciantes devem fazer após um acontecimento como esse? Manter o patrocínio? Rever a estratégia?

Certamente essas perguntas estão sendo feitas nesse momento pelas altas diretorias de marketing das empresas. Independentemente de ter ocorrido ou não o tal estupro na casa, as marcas estão ali patrocinando o programa, que está no topo dos trend topics do Twitter.

Seja qual for o investimento de marketing, o risco sempre existe. Quem poderia imaginar que Ronaldo Fenômeno, até então um craque do futebol, ícone de superação e maior goleador de Copas de todos os tempos, fosse se envolver com travestis no Rio de Janeiro? Ninguém. E certamente quando esse episódio veio à tona, as diretorias de marketing de Nike e da Ambev devem ter reavaliado cuidadosamente os seus respectivos e milionários contratos publicitários com a empresa do jogador, a R9. Dias após o acontecimento, o craque deu explicações para o público no programa Fantástico, da Rede Globo. Ele conseguiu passar uma borrracha em tudo. Brasileiro esquece fácil das coisas. Ronaldo foi para o Corinthians e já sabemos o resto da história.

Em 2006, quando a marca Santander Banespa decidiu investir milhões de euros e patrocinar de uma só vez seis jogadores da Seleção Brasileira de Futebol em ano de Copa do Mundo, foi logicamente mapeado pelo anunciante um possível cenário de fracasso da seleção (o que realmente se deu, quando o grupo caiu nas quartas de final). No entanto, o que aconteceu foi um cenário que ninguém previu: a seleção brasileira não só perdeu, mas não teve garra e sequer lutou pela vaga. Perdeu para a França com gol de Henry, com o nosso relapso lateral

esquerdo, Roberto Carlos, supostamente arrumando o seu meio na entrada da área. Na manhã seguinte da eliminação, algumas agências do banco, que possuíam imagens dos jogadores em suas fachadas, sofreram com a indignação de torcedores da seleção canarinho.

Outro acontecimento marcou a 11ª edição do Big Brother Brasil, a mais recente delas, de 2011. Uma das provas do líder foi patrocinada pelo "Meu Frango Assado", novo produto da marca Knorr, que pertence à gigante Unilever. Foi uma prova de resistência, na qual os brothers ficaram envolvidos por um invólucro plástico, assim como o novo produto da Knorr sugere à dona de casa envolver o seu frango assado para absorver melhor o novo tempero.

No meio da madrugada, um dos brothers, na tentativa de "agradar" o anunciante Knorr/Unilever, começou a cantar um famoso jingle: "De leste a oeste, de norte a sul, a onda é a dança da Galinha Azul". Acontece que a Galinha Azul era, há muitos anos, a mascote da Maggi, que pertence à Nestlé (concorrente mundial da Unilever).

O que podemos concluir são três coisas: 1) o consumidor confunde completamente as marcas, ele não sabe quem é dono de quem; 2) a força que tem uma mascote (a Galinha Azul não é mais usada pela Maggi/Nestlé há anos), que ainda reside na mente dos consumidores; e 3) como é que um executivo de marketing, que planeja uma ação dessas (e certamente não paga pouco), poderá prever que o brother, com as melhor das intenções, cantará o jingle de seu principal concorrente.

Essas e outras tantas razões é que tornam o mundo do marketing tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão incontornável.

MARCOS HILLER É COORDENADOR DO MBA GESTÃO DE MARCAS (BRANDING) DA TRIVISAN ESCOLA DE NEGÓCIOS (@MARCOSHILLER).

Uma década de abusos



SILIO BOCCANERA

As imagens de soldados americanos urinando em cima dos cadáveres de supostos militantes talibãs correm mundo nesta mesma semana em que autoridades britânicas abrem uma investigação sobre envolvimento dos serviços de espionagem do Reino Unido em tortura de suspeitos de terrorismo no Paquistão e no Afeganistão. Agentes britânicos são acusados também de sequestrar dissidentes libios exilados no exterior e enviá-los de volta à Líbia de Moamar Kadafi, onde era certo que sofreriam abusos em mãos dos serviços de segurança locais - como de fato ocorreu.

Coincidência ainda mais desagradável, na mesma semana foi o décimo aniversário de abertura da prisão de Guantánamo, ativa até hoje, por onde já passaram centenas de suspeitos de terrorismo, muitos deles torturados por civis ou militares americanos, que preferem chamar sua ação de "técnica ampliada de interrogatório". Não bastasse a tortura, que ofende direitos humanos e noções básicas de decência, Guantánamo continua a oferecer ao mundo um exemplo vergonhoso de violação da Justiça, pois os prisioneiros mantidos ali não são julgados. Alguns foram soltos após vários anos e outros outros estão lá sem acusação formal e sem julgamento, direito básico que até os nazistas tiveram, em Nuremberg.

A premissa para o que se faz em Guantánamo, conforme anunciou o então secretário de defesa americano Donald Rumsfeld, era de que "essa gente é perigosa", diferente de nós, que seríamos "civilizados". Entre os perigosos de Guantánamo, havia meninos com menos de 14 anos, sequestrados no Afeganistão e enviados para a base militar em

Cuba. Na condição de suspeitos de levarem a cabo ação criminosa (terrorismo é crime, sem dúvidas), teriam de ser acusados e julgados, mas não serem jogados em celas e (depois da tortura) abandonados lá dentro, alguns até hoje. Se não eram criminosos comuns, seriam membros de uma força militar inimiga, e assim teriam de ser tratados como prisioneiros de guerra, conforme determina uma convenção internacional assinada em Genebra.

Nem uma coisa nem outra: o Pentágono os chama de "combatentes inimigos", terminologia nova, destinada justamente a deixar os prisioneiros num limbo jurídico e assim tratá-los sem aplicar princípios jurídicos elementares.

Barack Obama, durante sua campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos, tinha prometido fechar Guantánamo. Sua formação acadêmica como advogado e professor de Direito Constitucional só podiam ter ajudado a formar a opinião que ele expressava nos comícios, com repulsa pelo que se passava na prisão. Eleito presidente, no entanto, Obama manteve Guantánamo ativa.

Da prisão militar em Cuba à cena humilhante dos soldados urinando nos corpos e outros torturando prisioneiros (difícil esquecer Abu Graib), o que esses incidentes demonstram é o resultado de desastrosa da "guerra ao terror", do jeito que foi realizada após os ataques terroristas de nos Estados Unidos. O que se passou em Nova York e Washington naquele 11 de setembro foi crime. Pode-se até adotar a terminologia brasileira de caracterizá-lo como "hediondo". Mas a reação ao horror de Al-Qaida teve menos senso de justiça e mais teor de vingança.

Para voltar a outro paralelo com a prática brasileira, o que se fez na caça à Al-Qaida repetiu em mega escala as muitas ações policiais-militares nas favelas cariocas (pré-UPP), com represálias a toda uma comunidade, só porque ali se abrigam bandidos de verdade. E quando alguém "com pinta de bandido" era detido, passava por sessões de pancadaria até confessar qualquer coisa.

Na dúvida, suspeitos eram (em alguns casos, ainda são) jogados em celas superlotadas em delegacias, onde ficam esquecidos, sem acusação formal pelo suposto crime que teriam cometido, conforme a interpretação de algum policial. E a prática tem mostrado a "isenção" das forças policiais nas grandes cidades brasileiras.

Na guerra ao terror, o Afeganistão foi a primeira "comunidade" a

ser invadida, na caça a Osama bin Laden e aos militantes da Al-Qaida. O chefe da rede terrorista conseguiu escapar por dez anos, até ser executado no Paquistão em maio último, e o movimento hoje é considerado praticamente extinto na área. Sobram algumas franchises, operando por conta própria, com a marca forte da matriz.

Só que a guerra de americanos e aliados continua por lá, agora contra o movimento talibã, um grupo repulso de fundamentalistas islâmicos com ideias medievais sobre o tipo ideal de sociedade (a do século VII, preferem eles), mas que é formado por afegãos, sem projeto de intervenção em outros países. Seus novos imitadores no Paquistão têm formação local, da mesma etnia pashtun, não forma importados do país vizinho.

Ou seja, a guerra ao terror contra a Al-Qaida no Afeganistão acabou se transformando em conflito contra um grupo local, que pratica ações de guerrilha contra as forças estrangeiras e seus aliados no governo central de Hamid Karzai, de péssima reputação por causa de corrupção e de notória incapacidade em controlar mais do que as vizinhanças da capital, Cabul.

Americanos e aliados há muito se deram conta da roubada em que entraram no Afeganistão e agora buscam uma saída mais honrosa do que foi, por exemplo, a fuga às pressas de um Vietnã onde o inimigo venceu. E como no Vietnã, o inimigo que não se rende é chamado à mesa para negociar. Em Paris no caso dos vietcongs, no Qatar agora com o talibã, para que Washington e aliados possam retirar de vez suas tropas em 2014, conforme anunciado, e deixar os afegãos acertarem suas contas.

O Paquistão ao lado é outra conversa e desponta como um problema gigante para Washington, que estendeu ali sua guerra ao terror e vê se perder muitos anos de cooperação com governo e militares paquistaneses, enquanto a população demonstra cada dia mais ódio pelos estrangeiros com seus agentes de segurança que agem com arrogância em terra estrangeira e seus aviões sem piloto que matam civis às pencas. Hoje, os paquistaneses denunciam o distante Estados Unidos como adversário quase tão odiado quanto a vizinha Índia.

Capítulo semicerrado é o Iraque, palco da desastrosa invasão militar anglo-americana de 2003, e finalmente deixado sem tropas ocidentais no fim do ano recém-encerrado. Derrubou-se o ditador, que era brutal, mas apenas mais um na região, alguns "muy amigos". E no caso de Saddam Hussein, ironicamente sem ligações com terrorismo ou armas de destruição de massa.

Para trás, ficam centenas de milhares de civis iraquianos mortos na guerra, outros tantos deixados com deficiências físicas, viúvas, órfãos. E um governo xiita em Bagdá que copia os métodos de repressão de Saddam, inclusive tortura, banha-se em corrupção, e - para horror de Washington - estreita cada vez mais seus laços com o Irã.

Um momento de horror em Manhattan dez anos atrás inspirou uma represália vingativa contra muçulmanos (nem todos radicais ou ativistas), que só gerou mais repetição dos horrores - de Madri a Londres, de Bali a Bagdá, de Cabul a Peshawar. Gerou deteções arbitrárias e sem julgamento, tortura em Abu Graib e Guantánamo, execução sumária de civis iraquianos e afegãos por soldados ocidentais enfurecidos e gestos de humilhação do ser humano, como tratá-lo feito bicho ou urinar nos corpos mortos.

Um dos poucos consolos é a execução pública de dois líderes políticos - George Bush e Tony Blair - hoje com reputações abaladas como mentirosos (lembrar as armas de destruição em massa) e culpados de erros grosseiros de avaliação política. Mas ganhando bom dinheiro em palestras. Blair ficou rico, Bush já era.

Banhado em sua crença (ainda viva em Washington) na onipotência militar de seu país, Bush achou que podia impor a vontade política de seus ideólogos conservadores aonde bem entendesse. Blair se deixou carregar pela arrogância que o fez se achar capaz de exercer liderança mundial e influenciar o presidente americano. Foram ambos devorados pela realidade.

SILIO BOCCANERA É JORNALISTA EM LONDRES E ESCREVE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS EM A GAZETA. E-MAIL: SILIOBOCCANERA@AOL.COM